

DESIGN E GÊNEROS EXPANDIDOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Design and gender expanded in contemporary society

Gomes, Caroline Apolinário; Mestranda;
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
caroline.agomes@gmail.com¹

Moura, Mônica; Doutora;
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
monicamoura.design@gmail.com²

Laboratório de Pesquisa em Design Contemporâneo:
sistemas, objetos e cultura

Resumo

A partir do entrelaçamento do tema corpo, gênero, identidade e comunicação, esse estudo analisa os novos corpos da contemporaneidade, investigando as formas nas quais o campo do design pode contribuir com ações ou como uma ferramenta de inclusão social de grupos que fogem dos padrões tradicionais de gêneros, ainda intitulados como “normais” por grande parte da sociedade.

Palavras chaves: Design; Corpo; Gênero; Comunicação; Inclusão Social

Abstract

From the interlaced subjects body, gender, identity and communication, this study analyzes the new bodies of contemporaneity, investigating the ways in which design can contribute as a social inclusion tool to groups that don't fit traditional gender standards, also called “normal” by the bigger part of the society.

Keywords: Design; Body; Gender; Communication; Social Inclusion

¹ Mestranda em Design no PPG em Design na UNESP. É membro do Laboratório de Pesquisa em Design Contemporâneo. Designer com atuação profissional na área de Design Gráfico e Editorial. Pesquisa com foco no corpo e suas modificações/alterações no contemporâneo.

² Pesquisadora, Professora e Designer, Doutora em Comunicação e Semiótica com Pós Doutorado em Design Contemporâneo. Tem formação acadêmica e atuação profissional na inter-relação entre design, arte, moda, ensino e pesquisa. Atua na UNESP no PPG em Design, no PPG em Artes e no Depto de Design. Atua na ABEPDM.

Introdução

Ao refletir e falar em contemporâneo, observamos o surgimento de corpos que passam a ter maior força de afirmação. São corpos que transitam na passagem, na miscigenação entre os sexos e não se prendem à definições pré-estabelecidas de gênero. Essas pessoas passam por dolorosos processos de aceitação por parte da sociedade que ainda hoje é dotada de preconceitos e pensamentos ultrapassados.

Pensando na inclusão social desses indivíduos é necessária uma mudança de pensamento e uma profunda revisão de valores sobre temas que se estendem da estética até questões sociais, morais e políticas da nossa atualidade. Nesse contexto, é possível perceber a abrangência e a importância da área do design, assim como o do designer, entendendo esse como um profissional capaz de articular signos, ideias e promover a difusão de novos valores e pensamentos.

Tomamos um dos princípios fundamentais do design: ser um meio facilitador das questões humanas e ter como foco o ser humano. Tendo essas questões em vista faz-se necessário ao profissional dessa área ser aberto e entender quem é e quais são os sujeitos da contemporaneidade para que seja possível articular meios efetivos e também afetivos de englobá-los no complexo campo projetual do design.

Flexibilidades corporais contemporâneas

Agamben (2009, p.65) acentua o contemporâneo como um momento que ocorre simultâneo ao presente, exigindo uma singular relação do indivíduo com seu próprio tempo, onde se torna necessário um certo distanciamento para que seja possível ver o contexto como um todo. Segundo Favaretto (2012) é um momento onde os valores de consenso buscados na modernidade acabam se tornando cada vez mais obsoletos, não sendo mais capazes de suprir as complexidades atuais.

Nota-se cada vez mais a presença das miscigenações, do desfacelamento de fronteiras e do hibridismo devido ao entrelaçamento de áreas, de culturas e conhecimentos. Essa convergência de pensamentos, ideias, atitudes e ações possibilitam a criação de novas linguagens e formas de comunicação, e assim, através dessa multiplicidade, algumas delimitações tendem a desaparecer, levando

consigo valores e conceitos fechados, abrindo espaço para um momento de pensamentos mais abertos e fluidos (Nojima, Braida e Moura, 2014, p.74).

Todas essas transformações têm consequências significativas para a sociedade, fazendo com que seus habitantes pouco a pouco alterem seu estilo de vida, hábitos e valores, reformulando assim a própria ideia de ser e estar no mundo.

Segundo Goellner (2012, p.28) a construção social do indivíduo acontece através da cultura e pela cultura, assim, a medida que a sociedade se transforma, alteram-se também a relação do sujeito com seu corpo, fazendo com que, hoje, esse organismo seja visto como algo maleável, provisório, mutável e suscetível a intervenções dos mais variados tipos.

A busca por uma identidade própria aliada as aparências físicas faz com que o corpo se torne objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento. A imagem corporal tem sido cada vez mais valorizada, Malysse (2008, p.106) aponta a importância da aparência corporal como parte essencial nos processos de identificação e sociabilização do indivíduo na sociedade, afirmando que:

(...) a aparência física humana estabelece e codifica relações significantes entre o visual, o cultural e o corporal, e, ao estudar uma imagem-corpo e desconstruir uma aparência física, revela as representações sociais do corpo relacionadas a este artefato cultural. (MALYSSE, 2008, p.106)

Louro (2000) afirma que em meio a essas reformulações corporais, homens e mulheres passam a se questionar sobre sua própria sexualidade e a forma como lidam com suas identidades sexuais, fazendo com que nas últimas décadas surgissem “novas identidades sociais” como formas de afirmação e diferenciação. A autora ressalta que a sexualidade, assim como o gênero não são apenas questões pessoais, sendo também questões sociais e políticas, pois envolvem rituais, linguagens e representações que são processos profundamente culturais, tornando-se assim algo construído. Salih (2012, p.67) analisa, através dos pensamentos de Judith Butler, o gênero como um processo “não natural”, assim, um corpo biologicamente do sexo feminino não precisa possuir necessariamente traços femininos e ter desejos por homens. Começa-se então a se desfazer a associação mútua existente entre sexo, gênero e sexualidade.

Ao pensar em novas formas de se relacionar com o corpo na contemporaneidade, encontramos indivíduos que atualmente possuem mais espaço para se expressar e afirmar sua identidade através do corpo. O avanço de diferentes tecnologias aliadas à ciência têm ampliado cada vez mais as possibilidades estéticas, sendo possível hoje, a remodelagem de praticamente todas as partes do corpo humano, inclusive, do sexo. Essas modificações auxiliam – e muito – pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico fazendo com que de fato possam ter sua identidade corporal alterada. Essas flexibilidades corporais têm se manifestado através de diferentes formas, entre elas: travestis, drag queens/drag kings, crossdressers, transexuais e transgêneros.

É possível perceber uma enorme resistência por parte da sociedade ao lidar com essas novas formas de identidade. Segundo Louro (2000) vivemos num mundo onde a norma vigente remete ao homem, branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, fazendo com que “os outros” que não se encaixam nesse padrão – denominado “normal” – sejam excluídos, negados e até mesmo condenados pela sociedade.

Design: transformador social

O hibridismo presente na sociedade engloba também o design, que passa cada vez mais a se apoiar e se auxiliar em diferentes áreas do conhecimento para o exercício projetual. É um momento onde ocorre uma abertura no campo do design e da interação com outras áreas fazendo com que a variedades e a complexidades de suas ações sejam cada vez mais voltadas para todos os aspectos que permeiam a vida e o ser humano, estudando e buscando entender a complexidade do mesmo (MOURA, 2014, p.24).

Para Niemeyer (2014, p.44) o designer deve suprir as necessidades humanas por meio de suas competências, onde, através

de um processo antropofágico, podemos metabolizar as heranças que recebemos e devolver ao mundo uma proposta nova, genuína, que mesmo não sendo a ideal trará novos modos de viver. (NIEMEYER, 2014, p.44)

E assim, ao pensar numa caminhada rumo a inclusão social é necessário a reformulação de pensamentos, de valores e da revisão de conceitos. O designer atua de forma direta na sociedade, criando modismo, tendências e difundindo valores, que se bem concebidos e articulados, podem trazer muitos benefícios à sociedade.

Para essa pesquisa adotamos estudos de caso que foram analisados no âmbito do campo do design e na articulação desse com outras áreas de conhecimento, implica na colaboração para a abertura da discussão sobre gêneros, identidade e modificações corporais.

A modelo Andreja Pejic

De origem sérvia, a modelo surgiu no mundo da moda dona de uma estética andrógena, desfilando roupas masculinas e femininas para grandes nomes. Andreja transitou entre os sexos até se submeter, no ano de 2014, a uma cirurgia de redesignação sexual e tornar-se oficialmente uma mulher. Em entrevista para a Revista Vogue (2015), a modelo diz ter recebido muitas opiniões contrárias à cirurgia, afirmando que para sua carreira seria melhor continuar como andrógena do que como transexual, porém, Andreja afirma, que a carreira necessitaria se encaixar em seu trabalho e não o contrário.

FIGURA 1 – Andreja Pejic. Da esquerda para a direita: 1. NY Maganize - 2011, foto de Brigitte Lacombe; 2. Vogue brasileira - 2013, foto de Mario Testino; 3. Vogue americana – 2015, foto de Patrick Demarchelier
(<http://models.com/models/andrej-pejic>)



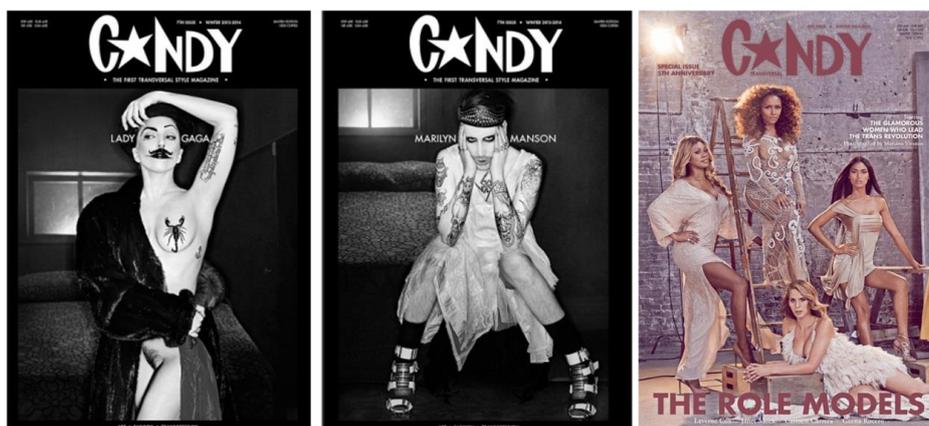
Um ponto interessante em sua carreira é o fato de que, quando ainda era homem, já desfilava com roupas femininas, chegando a desfilando de noiva e, até mesmo, de lingerie. Andreja não é a primeira e nem a única modelo transexual, porém sua imagem está vinculada a campanhas de grandes nomes, sendo capaz de levantar discussões sobre sexualidade, gênero, diversidade e preconceitos.

Candy: a revista dedicada a diversidade

Considerada pelo próprio diretor criativo, Luis Venegas, a primeira revista de moda totalmente dedicada ao transgêneros, a androgenia e suas variedades, a revista Candy trouxe na edição especial de aniversário, um ensaio fotográfico realizado por Mariano Vivanco com 14 mulheres transexuais na capa. O ensaio é claramente inspirado no portfólio anual de Hollywood feito pela Vanity Fair.

Vale ressaltar que a publicação também dá destaque aos modelos que são homens trans, como também traz personalidades que não são transgêneros para discutirem sobre o tema, entre elas, Lady Gaga, James Franco, Marilyn Manson que já estamparam algumas de suas edições.

FIGURA 2 – Revista Candy. Da esquerda para a direita: 1. Lady Gaga, 2. Marilyn Manson, fotos de Steven Klein, edição #7 – 2013/2014; 3. Laverne Cox, Janet Mock, Carmen Carrera e Geena Rocero, foto de Mariano Vivanco, edição especial 2014-2015 (<http://candy.byluisvenegas.com>)



Esses dois casos, selecionados entre muitos outros, nos apontam como está ocorrendo uma abertura para a inclusão e a discussão sobre gêneros e a construção de novas identidades possíveis na contemporaneidade. Questões que devem ser observadas, estudadas, discutidas e incluídas quando nos dirigimos ao sujeito, não

apenas de forma geral, social e política, mas também quando desenvolvemos ações e produtos para os sujeitos contemporâneos. Nesse contexto, é importante que o campo do design e o designer atendam a essas questões e tornem-se capazes de articular meios de promover um novo olhar por parte da sociedade que ainda é resistente a essas novas possibilidades de mudanças corporais e também de gêneros fluidos. E, que essas questões estejam além da construção de discursos e sim permeiem a adoção de ações que resultem em novos serviços, produtos, ambientes para contribuir e ampliar as possibilidades do bem estar e de uma vida mais igualitária.

Estourando a bolha rosa e azul

É necessário também pensar na influência desse profissional na infância, uma vez que as funções cognitivas e a própria identidade são formadas nessa fase. O ato de brincar é de importância fundamental na construção da identidade de um indivíduo. A partir desse pensamento, observa-se um número crescente de pais e educadores preocupados com a segregação de gêneros e esteriótipos encontrados nos brinquedos femininos e masculinos, separados nitidamente por cores e funções. Para que o futuro das crianças não seja mais representado por rótulos que promovem cada vez mais a segregação, é necessário estourar as bolhas do azul e do rosa e de suas variações e escalas tonais que passaram a estabelecer quase uma ditadura de gêneros.

É possível ver hoje que algumas empresas têm se preocupado com a criação de brinquedos que não promovam a continuação desses esteriótipos e que estimulem o ato de brincar sem distinção de cores e de gêneros. Pensando nisso, a organização britânica “Let Toys Be Toys” pede para que as lojas de brinquedos e livrarias parem de separar seus produtos infanto-juvenis por rotulações. No espaço de um ano a campanha conseguiu convencer algumas empresas de brinquedos a removerem as etiquetas de “menino” e “menina” de seus produtos.

FIGURA 3 – Campanha “Let Toy Be Toys”. Tradução: “Se nós queremos salários iguais, porque não começar com a mesma brincadeira?” (<http://www.lettoysbetoys.org.uk/>)



Um outro exemplo é a campanha lançada pela empresa de brinquedos Goldie Blox, que não tem a intenção exatamente de sair do corredor rosa, e sim, de levar outros tipos de brincadeiras até as meninas. A fundadora e CEO da empresa, Debbie Sterling, é engenheira e designer de produtos e teve essa ideia por acreditar que o reduzido número de mulheres do campo da engenharia se deve ao fato das meninas não serem estimuladas durante a infância a brincarem de montar, desmontar e consertar, deixando esse tipo de brinquedo apenas nas mãos dos meninos. Goldie Blox tem a intenção é “pertubar o corredor rosa” levando até as meninas a possibilidade de brinquedos mais dinâmicos de construção e montagem e assim, introduzir o interesse por essa área predominantemente masculina.

FIGURA 4 – Imagens retiradas do video da campanha da empresa Goldie Blox.
(<http://www.goldieblox.com/pages/about>)



Resultados e Discussões

É necessário subverter essa ordem sexo-gênero-sexualidade, assim como a condição binária homem/mulher como uma questão única, definida e correta. Pensamentos fechados estão perdendo espaço, o contemporâneo exige liberdade,

abertura de pensamento, visões e posturas. Vivemos o tempo dos questionamentos e da experimentação, e o corpo, sendo responsável por transmitir sua expressão e identidade ao mundo, é constantemente reconfigurado, ressignificado e adaptado.

O entrelaçamento de linguagens e de culturas, aliada a criação de novas plataformas de comunicação por meio digital fez surgir um espaço maior para se discutir questões de identidade. Através de associações e comunidades é possível perceber cada vez mais a surgimento e afirmação de novos grupos que vão contra os padrões impostos pela sociedade.

Infelizmente, a liberdade encontrada hoje para que novos grupos se afirmem, se encaixa também na situação contrária, criando espaços ainda maiores para que grupos com pensamentos opostos exponham suas ideias e sejam seguidos por pessoas que compartilham desses mesmos ideais. É possível observar um preconceito muitas vezes velado e mascarado, acompanhado de uma grande indiferença e descaso que só poderá ser transformado mediante a uma mudança efetiva de pensamento por parte da sociedade.

Desse modo, o designer, sendo um articulador e transmissor de ideias, atuando em diversas áreas da vida humana, é um profissional capaz de produzir cultura, difundir pensamentos e valores. Sua atuação possui consequências relevantes para a sociedade e desse modo, cabe a esse profissional contribuir para que o pensamento da sociedade se transforme, visando a diminuição de pré-conceitos e visões estereotipadas.

A mudança de valores na qual o designer é capaz de colaborar implica em uma mudança de pensamento do sujeito para a sociedade e conseqüentemente, da relação do sujeito com si mesmo e com o próximo. Uma mudança efetiva consiste em transformações que começam nas bases familiares, na educação, na relação com o sexo e a sexualidade, assim como em uma mudança de costumes e, acima de tudo, na reformulação do que é certo e errado, pois como já dito anteriormente, definições fechadas não dialogam com as complexidade contemporâneas. E essas complexidades exigem novos e diferentes objetos, produtos, ações, serviços e ambientes que devem ser projetados e construídos pelos designers nos mais diferentes segmentos dessa área.

Considerações finais

O designer é um profissional com imensas possibilidades de atuação, sendo ao mesmo tempo capaz de projetar móveis, carros, softwares, acessórios, roupas, sistemas, ambientes, prestar e agilizar serviços, criar narrativas através de imagens, vídeos, fotografias, entre muitas outras coisas e que tem um foco em comum: o ser humano e criação de dispositivos e formas de facilitar sua vida. Ao pensar numa mudança que começa aos poucos e através de pequenas atitudes, tendo como foco a melhora da vida humana, o designer pode e deve contribuir para esse acontecimento. É necessário ações e posições políticas desse profissional, assumindo seu papel de articulador e transformador social, sendo responsável por incorporar essas questões como parte do processo, (re)projetando-as e devolvendo-as ao mundo de outras formas, melhores formas, melhores ações para um mundo melhor, de maior amplitude, mais igualitário, mais democrático, enfim, mais humano

Referências

- AGAMBEN, G. O Que é o Contemporâneo e outros ensaios. Brasil - SC, Ed. Argos, 2009.
- FAVARRETO, Celso. Transformação em processo. In: Conferência no Seminário Nacional “Educação Integral: experiências que transformam”. Fundação Itaú Social/UNICEF/Cenpec. São Paulo, 2012.
- NOJIMA, V. L., BRAIDA, F. e MOURA, M. A contemporaneidade híbrida nas Artes e no Design. In: Design Brasileiro contemporâneo: reflexões. Organização Mônica Moura. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. Cap. 3, p. 69-92.
- GOELLNER, V. S. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Organização Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2012. Cap. 2, p. 28-40.
- MALYSSE, S. A moda incorporada: antropologia das aparências corporais e megahair. In: Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo. Organização Ana Claudia de Oliveira e Kathia Castilho. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008, p. 105-124.
- LOURO, G. L. . Pedagogias da Sexualidade. In: O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Organização Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- MOURA, M. Introdução. In: Design Brasileiro contemporâneo: reflexões. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 13-34.
- NIEMEYER, L. Design Contemporâneo no Brasil. In: Design Brasileiro contemporâneo: reflexões. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. Cap. 1. p. 35-45
- PEJIC, Andreja. Has the Fashion Industry Reached a Transgender Turning Point? In: Vogue, 2015. Disponível em <http://www.vogue.com/13253741/andreja-pejic-transgender-model/>. Acesso em 6 de Maio de 2015.